ENTRE A *TERRA DE GENTE OPRIMIDA* E A *TERRA DE GENTE TOSTADA*: LUÍS FÉLIX DA CRUZ E O PRIMEIRO POEMA *ANGOLANO*

BETWEEN THE *TERRA DE GENTE OPRIMIDA* AND THE *TERRA DE GENTE TOSTADA*: LUÍS FÉLIX DA CRUZ AND THE FIRST *ANGOLAN* POEM

RESUMO: O artigo estuda o primeiro poema conhecido da literatura em Angola: aquele que começa pelo verso "Nesta turbulenta terra" e foi incluído por Cadornega no final do tomo III da sua *História geral das guerras angolanas*. Com base em versões manuscritas até agora desconhecidas, o investigador revela a identidade do poeta que escreveu o texto – Luís Félix da Cruz – e situa-o na Angola do tempo, ao mesmo tempo que propõe uma edição crítica e devidamente anotada da composição, que é agora objeto de uma leitura que corrige uma série de erros que foram sendo transmitidos.

PALAVRAS-CHAVE: Angola. Poesia. Luís Félix da Cruz. Século XVII.

ABSTRACT: The paper studies the first poem known from the literature in Angola: the one that starts by the verse "Nesta turbulenta terra" and was included by Cadornega at the end of the 3rd tome of his *História geral das guerras angolanas*. Based on yet unknown manuscript versions, the investigator reveals the identity of the poet who wrote the text – Luís Félix da Cruz – and situates him in Angola of the 17th century; at the same time he proposes a critical edition of the poem properly noted and a reading that fixes a number of mistakes that were being transmitted.

KEYWORDS: Angola. Poetry. Luís Félix da Cruz. 17th century.

É bem conhecido o primeiro poema escrito em Angola e sobre temática angolana: começado pelo verso "Nesta turbulenta terra", foi incluído por António de Oliveira Cadornega no final do tomo III da sua *História geral das guerras angolanas*, datado de 1681, mas publicado apenas em 1942.

Embora a visão de Angola nele apresentada não seja positiva, a circunstância de se tratar do primeiro poema escrito na e sobre a colónia fez com que recebesse alguma atenção dos especialistas, destacando-se os contributos de Heitor Gomes Teixeira (1978) e, mais recentemente, de Francisco Soares (2001). Apesar disso, vários aspetos importantes e decisivos ficaram por abordar ou por aprofundar, a começar pelo texto, ao mesmo tempo que lacunas e erros interpretativos foram sendo transmitidos.

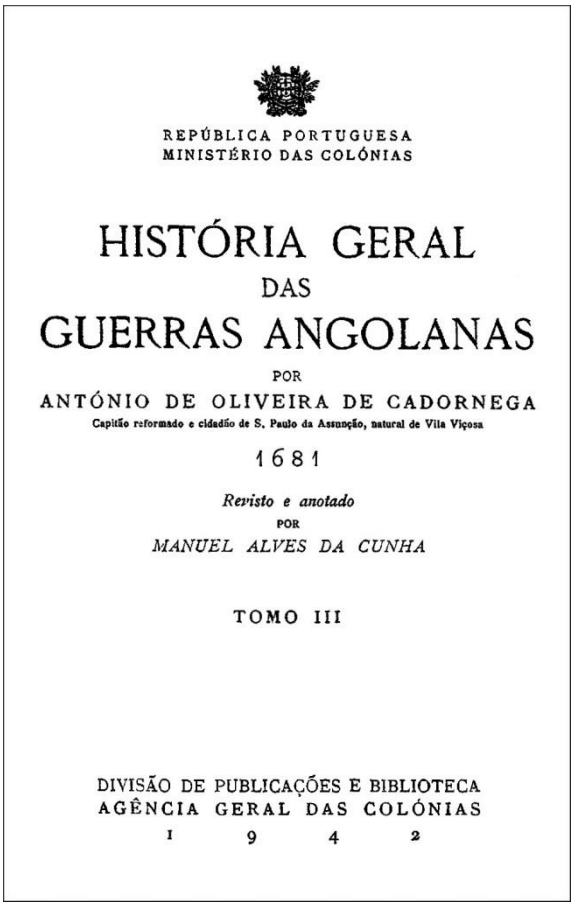
Um confronto minimamente atento do manuscrito autógrafo de Cadornega – o Ms. 78 da série vermelha da biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa – com a edição de 1942 permite perceber uma série de falhas, geralmente menores, embora algumas apresentem certa importância. Aponto três exemplos: no v. 71, *corcome* (variante de *carcome*) aparece transcrito como *a cor come*; no 117, *açoite* é lido como *azeite*; no v. 69 *causa* é transformado em *cousa*. Por outro lado, um estudo minimamente aprofundado da versão manuscrita de

Cadornega permite perceber que há nela falhas e faltas – a começar pela pontuação, praticamente inexistente – que afetam o sentido.

Além disso, conhecem-se outras versões manuscritas do poema: já na edição de 1942 da *História geral das guerras angolanas*, Manuel Alves da Cunha apontava em nota[1] a existência de uma no códice 905[2] da Biblioteca Nacional de Portugal. Em 1979, Heitor Gomes Teixeira chamou a atenção para outra cópia manuscrita da *História* de Cadornega existente na biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa: trata-se do Ms. 645 da série Azul. Contudo, e uma vez que se conserva o original autógrafo, esta cópia pode ser considerada *descripta* e ser eliminada na fase da *constitutio textus*. O mesmo acontece com outras cópias da obra de Cadornega, como é o caso dos Ms. 2, 3 e 4 do Fonds Portugais da Bibliothèque Nationale de France. Para além disso, só recentemente foi notado que o poema também corria no Brasil em nome de Gregório de Matos[3], que, como é sabido, viveu em Angola em 1694 e talvez 1695 (PERES, 1968), tendo ficado dessa experiência dois outros poemas: o soneto "Pasar la vida, sin sentir que pasa" (TOPA, 1999b, p. 327-8) e o romance "Angola é terra de pretos" (MATOS, 1990, v. II, p. 1181-1183). O que não foi ainda notado é que a atribuição do poema ao *Boca do Inferno* é pouco consistente: só dois dos numerosos cancioneiros manuscritos que recolhem a sua obra incluem esse poema[4], circunstância que por si só deveria pôr em dúvida essa possibilidade de autoria.

A aproximação das duas tradições – a angolana e a brasileira – não resolveu contudo a segunda questão importante que, mais que o problema do texto, interessou os comentadores que abordaram o poema: a autoria.

[1] Diz o editor: "É a mesma que dá Cadornega neste tômo, acrescendo apenas um título, no princípio: *Descrição da Cidade de Loanda e Reyno de Angola*." (p. 383). A informação não é correta, como já notou Heitor Teixeira (1978). Terei oportunidade de mostrar que este testemunho apresenta do poema uma versão com diferenças consideráveis face a todos os outros manuscritos.
[2] O códice contém uma *Historia de Coimbra* por Francisco Carvalho, datada de 1795. O poema está intercalado entre as f. 317-318.
[3] Foi publicado pela primeira vez em 1969, na 1.ª edição preparada por James Amado (MATOS, 1969).
[4] TOPA, 1999a, p. 146.



REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

HISTÓRIA GERAL
DAS
GUERRAS ANGOLANAS

POR

ANTÓNIO DE OLIVEIRA DE CADORNEGA

Capitão reformado e cidadão de S. Paulo da Assunção, natural de Vila Viçosa

1681

Revisto e anotado
POR
MANUEL ALVES DA CUNHA

TOMO III

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
1 9 4 2

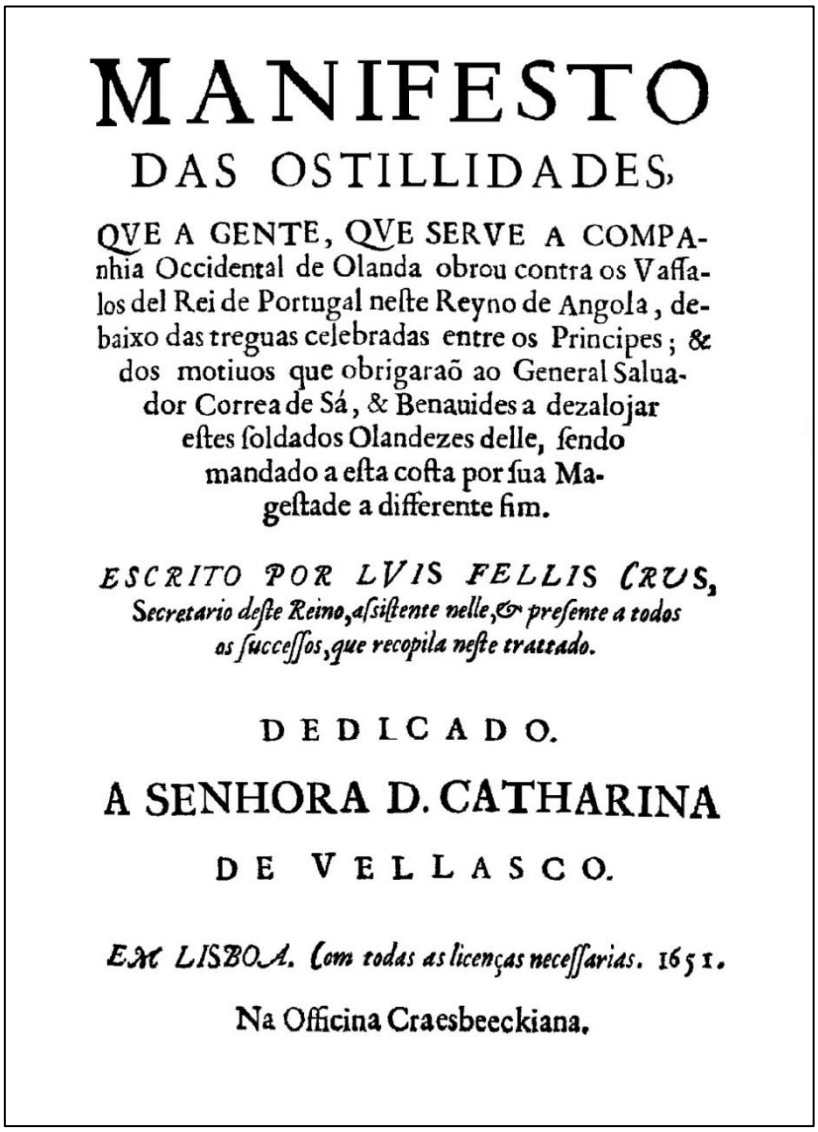
Durante algum tempo pensou-se que o texto seria do próprio Cadornega, apesar de ele declarar taxativamente: "he obra alhea e não do Autor, que nunca teve, nem por sombras, veia de poeta; o que pode ser que me valha, para ser mais bem afortunado (…)" (1942, v. III, p. 382-3). Além disso, o autor alentejano que escolheu Luanda como morada definitiva tem o cuidado de se demarcar de algumas das críticas contidas na composição:

> (…) em huma obra ou satyra, que fez hum poeta curiozo das calamidades destes reinos, que com isso lhe não tirão sua grandeza e estimação; só que foi hum pouco mordaz, dizer perecia a justiça, por não haver quem a entendesse; o que he muito pello contrario; como tambem dizer onde o filho he fusco, e quasi negro o neto, e todo negro o bisneto, e tudo escuro: isto se entende em quanto aos que procedem do gentio da terra, que há muita gente branca e grave, todos procedidos de gente portugueza, vinda do nosso Reino de Portugal, todos brancos, sem mescla nenhuma; no de mais o decifrou muito ao natural (…) (CADORNEGA, 1942, p. 382).

O argumento não é contudo decisivo, uma vez que poderia tratar-se de uma estratégia de defesa. A outra hipótese mais imediata seria a de aceitar Gregório de Matos como autor. Acontece porém que, além da fraca tradição testemunhal, há uma impossibilidade cronológica, como demonstrou Francisco Soares: o baiano só vai para Angola em 1694 e o

terceiro tomo da *História geral das guerras angolanas* em que o poema figura está datado de 1681.

Creio que encontrei a resposta para esta questão, graças à descoberta, na Library of Congress, de Washington, de uma outra versão manuscrita do poema: trata-se do Ms. 168 dos Portuguese Manuscripts[5], uma miscelânea poética (que aliás inclui uma secção com 55 textos de Gregório de Matos), ocupando a composição angolana as p. 302-304. A legenda que o precede contém duas informações importantes, uma sobre a autoria, outra sobre o objeto do texto: "Do Capitão Mor Luis Feliz Cruz em Angolla contra o clima de Maçangano".



MANIFESTO
DAS OSTILLIDADES,
QVE A GENTE, QVE SERVE A COMPA-
nhia Occidental de Olanda obrou contra os Vaſſa-
los del Rei de Portugal neſte Reyno de Angola, de-
baixo das treguas celebradas entre os Principes; &
dos motiuos que obrigaraõ ao General Salua-
dor Correa de Sá, & Benauides a dezalojar
eſtes ſoldados Olandezes delle, ſendo
mandado a eſta coſta por ſua Ma-
geſtade a differente fim.

ESCRITO POR LVIS FELLIS CRVS,
Secretario deſte Reino, aſsiſtente nelle, & preſente a todos
os ſucceſſos, que recopila neſte tratado.

DEDICADO.
A SENHORA D. CATHARINA
DE VELLASCO.

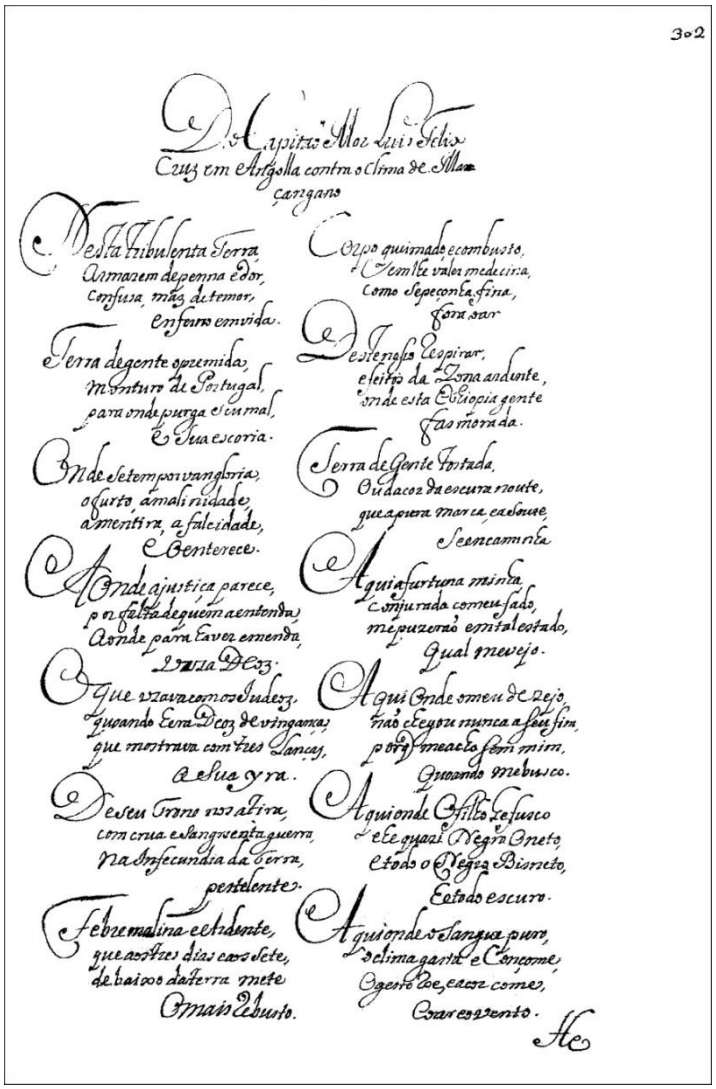
EM LISBOA. Com todas as licenças neceſſarias. 1651.
Na Officina Craesbeeckiana.

Não sendo uma personalidade histórica de grande relevo, Luís Félix Cruz também não é completamente desconhecido. Tanto Barbosa Machado (1972, v. III, p. 91) como Inocêncio

[5] Sobre eles, vd. LUND; KAHLER, 1980, p. 3.

(1860, v. V, p. 285) mencionam o seu *Manifesto das ostillidades, que a gente, que serve a Companhia Occidental de Olanda obrou contra os Vassalos del Rei de Portugal neste Reyno de Angola, debaixo das treguas celebradas entre os Principes; & dos motivos que obrigaraõ ao General Saluador Correa de Sá, & Benavides a dezalojar estes soldados Olandezes delle, sendo mandado a esta costa por Sua Magestade a differente fim*. Datado de "São Paulo d'Assumpção 30 de Junho de 1649. annos." mas publicado dois anos depois, em Lisboa, é dedicado a D. Catarina de Velasco, esposa do governador Salvador Correia de Sá e Benevides, apresentando-se o autor como «Secretario deste Reino, aſſiſtente nelle & preſente a todos os ſucceſſos que rocopila neste tratado».

Como o título o indica, o folheto relata os confrontos entre portugueses e holandeses desde que os últimos, a 24 de agosto de 1641, invadiram e tomaram Luanda até à restauração da soberania portuguesa sete anos mais tarde, a 15 de agosto, por ação de Salvador Correia. O autor narra a fuga do governador e da população para o presídio de Massangano, as calamidades verificadas, em consequência das doenças e da atuação das populações locais, e a heroica resistência dos portugueses.



Library of Congress, Portuguese Manuscripts, Ms. 168, p. 302

Por aqui ficamos de imediato na posse de algumas informações sobre a vida e o perfil de Luís Félix da Cruz: sabemos que foi Secretário do Reino de Angola (embora desconheçamos o período exato em que exerceu o cargo) e que aí viveu durante todo o tempo que durou a ocupação holandesa. Cadornega (1972, v. II, p. 583) acrescenta que foi depois capitão-mor de Massangano: "Teve patente por 6 anos em 14-12-1652 por ter casado com Brites Cortes, filha mais velha do sargento mór Domingos Lopes de Cerqueira que foi morto em 19-6-1645 no interior de Quicombo, indo para Massangano"[6]. Segundo a carta-patente, este Domingos Lopes de Sequeira (e não *Cerqueira*) era "natural da cidade de Loanda do Reino de Angola, e filho de Luís Lopes Seq.ª", tendo-se destacado como militar em importantes combates contra os povos locais e contra a pirataria. Para além de Brites, Domingos teve pelo menos mais um filho, a quem deu o nome do seu pai – Luís Lopes de Sequeira –, o qual se destacaria como uma das grandes figuras militares de Angola: para além

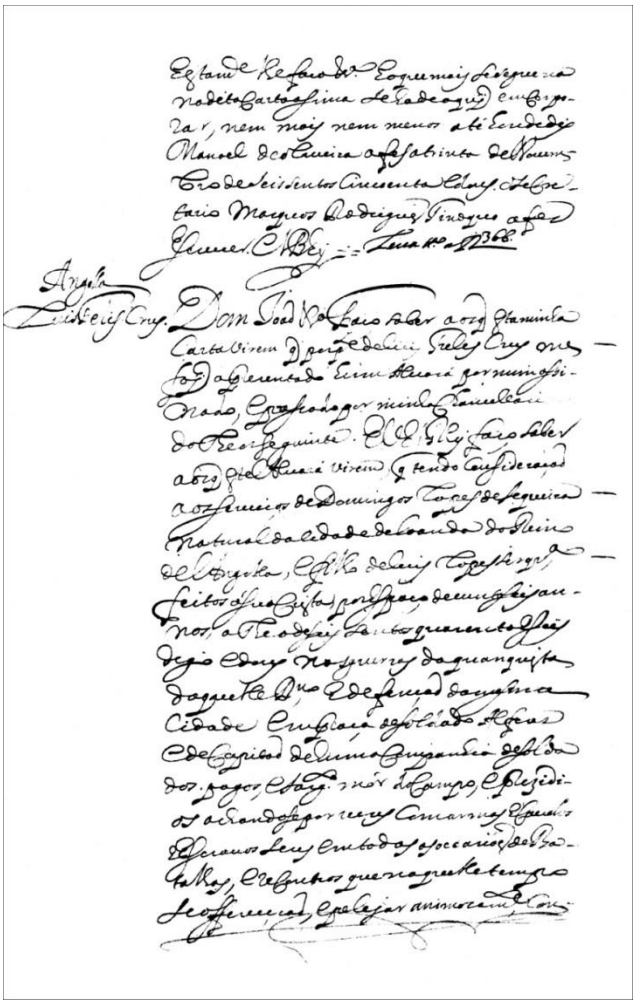
[6] O documento está depositado na Torre do Tombo: Registo Geral de Mercês, Livro 20, f. 326v-328r.

de outras importantes vitórias, derrotou o poderoso exército do rei do Congo na batalha de Ambuíla (ou Mbwila)[7], travada a 29 de outubro de 1665, firmando assim a soberania portuguesa no norte de Angola.

Este conjunto de dados permite-nos perceber que Luís Félix da Cruz se uniu a uma família já tornada local, inclusive do ponto de vista racial: o segundo Luís Lopes de Sequeira era mestiço, o que faz supor que a sua irmã Brites também o fosse. Faltam-nos dados sobre o percurso posterior de Cruz – e também sobre os motivos que o levaram a Angola –, mas tudo parece indicar que estamos perante alguém que acabou por fazer uma opção definitiva por esse espaço africano.

Antes de voltarmos ao *Manifesto das ostilidades*, convém sublinhar um aspeto que será retomado mais à frente, a propósito da autoria do poema angolano: António de Oliveira de Cadornega conheceu com toda a certeza Luís Félix da Cruz. Mais do que as informações que inclui sobre ele (a breve síntese biográfica atrás citada, o episódio da viagem de Luanda a Massangano com um grupo de Capuchinhos narrado no volume III da sua *História geral*), prova-o o facto de Cadornega integrar a população de Luanda que fugiu para Massangano aquando da invasão holandesa. Aí colocado em funções militares durante 28 anos, desempenharia outros cargos, como os de juiz ordinário, membro do senado da câmara ou provedor da misericórdia. A sua mudança para Luanda só se verificaria em 1669.

[7] Sobre o tema, vd. Boxer, 1960 e Dias, 1942.



Torre do Tombo, Registo Geral de Mercês, Livro 20, f. 326v

Uma vez que o meu objetivo é o estudo do poema agora atribuído a Luís Félix Cruz, são sobretudo dois os aspetos do folheto de 1651 que quero destacar. O primeiro diz respeito às observações sobre Massangano[8] e o seu clima. Escreve o autor:

> Começou a padecer o infalivel, & certo efeito da inclemencia do clima, rigurosas febres malignas, que ajudadas da necessidade, & descomodidade, matârão tanta gente, que hũa de cada dez pessoas, apenas escapava, cousa certa admiravel, que seja a calidade deste sertão tal, que se tem, como por Artigo de fé, vir a elle para adoecer, & chegar, os q escapaõ, ao estremo, de quasi mortos, & atè oje, desde que he descuberta esta conquista, naõ se acha, quem se izentasse desta pensaõ. (p. 5-6)

Cadornega, no volume III da sua *História geral*, corrobora esta visão, afirmando que o clima é

[8] Como é sabido, a Vila de Nossa Senhora da Vitória de Massangano fica a pouco mais de 200 km de Luanda, na confluência de dois rios, o Lucala e o Cuanza. É de resto a reunião dos rios que explica o topónimo, que em ambundo significa 'confluência'. A sua fortaleza foi fundada por Paulo Dias de Novais, em 1583.

> (…) pouco salutifero, a respeito de estar entre pauis e lagoas, não pellos rios que são agoas correntes, mas elles são cauza destes alagadiços; e quando há seccas he menos sadio, por se levantarem grandes vapores de sequidão daquelles brejos, que a não ser assim, fôra esta villa muito mais povoada do que he (…) (CADORNEGA, 1972, III, p. 118).

O segundo aspeto do *Manifesto* que deve ser destacado são as citações de Garino e Ariosto, já notadas por Edgar Prestage, que reeditou o texto em 1919. Essas referências revelam certa cultura literária, mais notória se admitirmos que o folheto terá sido escrito em Luanda, sem grande material bibliográfico de apoio. A primeira é de *Il pastor Fido*:

> Diz sabia, & christãmente o Garino em a Tragicomedia, que intitulou do Pastor Fido, que os sucesos do mundo
>
> > Che al cieco caso il cieco valgo ascrive
> > Altro non è, che favellar celeste,
> > Cosi parlan tra noi l'eterni nume,
> > Queste son le lor voce
> > Mute a l'orechie, é risonanti al cuore
> > Di chi l'intende: o quatro volte è sei
> > Fortunato colvi che bem l'intende. [9]
>
> Que traduzidas estas maravilhosas palavras em o nosso Portugues, dizem: Que todos os sucessos do mundo, que o cego vulgo atribue encontrados, a caso são celestes palavras, & vozes, com que Deos nos falla se mudas as orelhas, soantes ao coraçaõ de quem as entende (…) (p. 24-25).

A citação de Ariosto ocorre no seguinte contexto:

> Bem pudera o General pello precedido, trattar de vingar tantas infidelidades quantas vzou esta gente contra os vassalos de sua Magestade quãdo naõ fora por mais, que para com o exemplo euitar outras em outras partes; que diz o Ariosto:
>
> > Che chi fâ sua vendetta oltra ch'offende
> > Che offeso l'há, da molti si deffende. [10]
>
> Que he o mesmo, que quem se vinga, alem de offender a quem o offendeo, se defende de muitos. (p. 29)

O conjunto de dados que acaba de ser apresentado torna credível a atribuição do poema em debate a Luís Félix Cruz, ficando assim resolvido (a menos que venham a surgir novos elementos) o problema da autoria. Creio que o facto de Cadornega omitir uma indicação autoral que com toda a certeza conheceria se terá ficado a dever ao seu desejo de

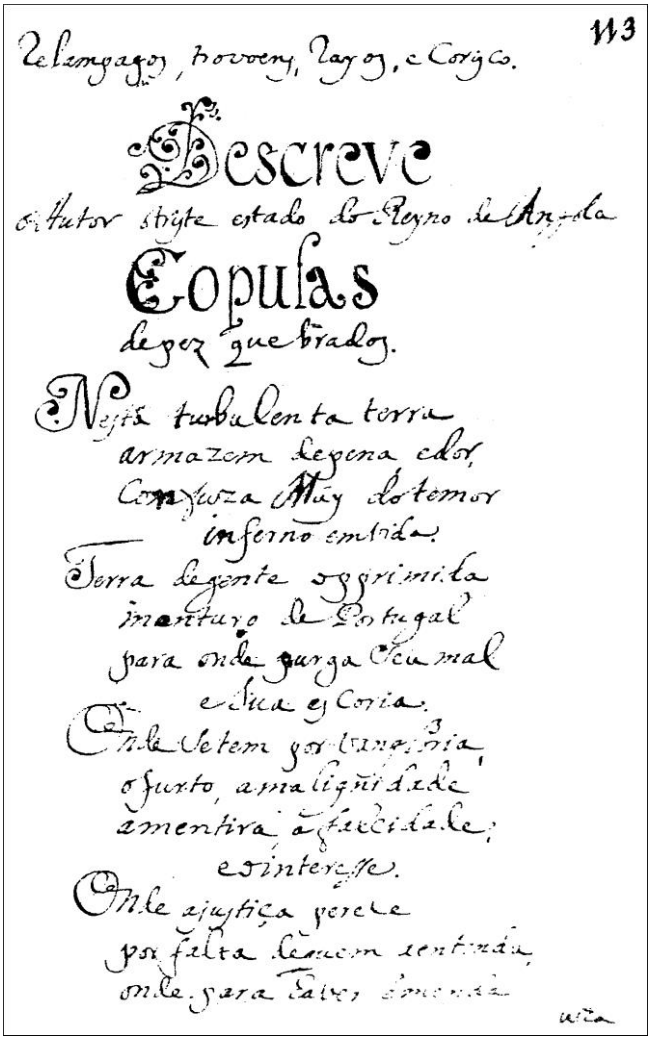
[9] São os v. 40-46 da cena VI do ato V, em que fala Tirenio: "Ch'al cieco caso il cieco volgo ascrive, / altro non è che favellar celeste. / Cosí parlan tra noi gli eterni numi, / queste son le lor voci / mute a l'orecchie e rionanti al core / di chi le 'ntende. Oh quattro volte e sei / fortunati colui che bem le 'ntende!" (GUARINI, 1977).
[10] Trata-se de *I cinque canti i quali seguono la materia del Furioso*, canto I, est. 17, v. 7-8: "Ma chi fa sua vendetta, oltra che offende / chi offeso l'há, da molte si difende".

'proteger' Luís Félix, cuja visão menos positiva de Angola (ou de Massangano) e dos seus colonizadores tenderia a suscitar animosidades. A questão conexa da data, não ficando resolvida, sofre uma ligeira modificação relativamente ao que até agora se pensava: aceitando a legenda do manuscrito de Washington que o dá como criticando o clima de Massangano, o poema terá sido escrito bem antes da data de conclusão da *História geral*, no período compreendido entre 1641 (data da invasão holandesa e da fuga da população de Luanda) e 1669 (ano em que Cadornega deixa essa povoação e se fixa na capital). Atendendo ao facto de o autor ser referido como *capitão-mor*, talvez nos devamos inclinar para a data de 1652 ou para um ano pouco posterior.

Um pouco mais complexo é o problema do texto: para além do manuscrito da biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa que encerra a *História geral* de Cadornega (n.º 78 da série Vermelha, a partir de agora designado como **ACL**), temos a versão do já referido Códice 905 da Biblioteca Nacional de Portugal (para o qual usarei a sigla **BNP)** e do Ms. 168 da coleção Portuguese Manuscripts da Library of Congress (que será referido como **LC**). A esses juntam-se dois testemunhos em que o poema vem atribuído ao brasileiro Gregório de Matos [11]: o Ms. Asensio-Cunha (hoje pertencente à biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro[12], que será nomeado através da sigla **AC**) e o Ms. do cofre 50.2.1A da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro[13] (doravante referido como **BNRJ**). A colação dos cinco testemunhos e a análise das variantes e erros permite perceber com facilidade que há duas famílias: uma englobando **AC** e **BNRJ**, a segunda agrupando **ACL**, **LC** e **BNP**. Outra conclusão que se impõe de imediato é a de que a versão mais correta é a de **AC**, apesar de o códice em causa (que aliás, e à semelhança de quase todos os outros, não está datado) parecer mais recente: confirma-se assim o preceito da crítica textual *recentiores non deteriores*. É possível que o copista que o preparou tenha usado uma transcrição do poema mais antiga ou mais próxima de qualquer outra forma do original perdido.

Para além de erros comuns conjuntivos, **BNRJ** apresenta face a **AC** algumas variantes, em geral pouco significativas. Destaca-se contudo pela falta dos v. 50-53 e por alguns outros erros privativos, como a trivialização ou *lectio facilior* do v. 157: *alma* em vez de *almo* (vivificante, benéfico).

[11] Circunstância que parece provar a relativa popularidade do texto em Angola, se pensarmos que ele terá sido escrito quase meio século antes da chegada do baiano a Luanda.
[12] Topa, 1999, p. 64 e ss. Foi com base nessa versão que o poema foi publicado por James Amado: Matos, 1990, v. II, p. 1183-8.
[13] Topa, 1999, p. 267 e ss.



Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Ms. do cofre 50.2.1A, p. 113

Quanto à segunda família, **ACL** é o testemunho que apresenta a versão mais coerente e com menos erros, constituindo alguns destes claras trivializações, como acontece no v. 24 (*pestilência* em vez de *pestilente*, afetando a rima). Destaca-se também pela particularidade – estranha, se pensarmos que se trata do manuscrito autógrafo de António de Oliveira de Cadornega – de quase não ter pontuação. **LC** apresenta uma série de variantes privativas, algumas das quais constituem erros difíceis de explicar. Além disso, faltam-lhe os versos 140-143. **BNP** tem também uma série de variantes exclusivas, muitas delas com implicação na métrica ou configurando casos de trivialização. Além disso, inclui depois do v. 12 quatro estrofes que não figuram nos outros testemunhos:

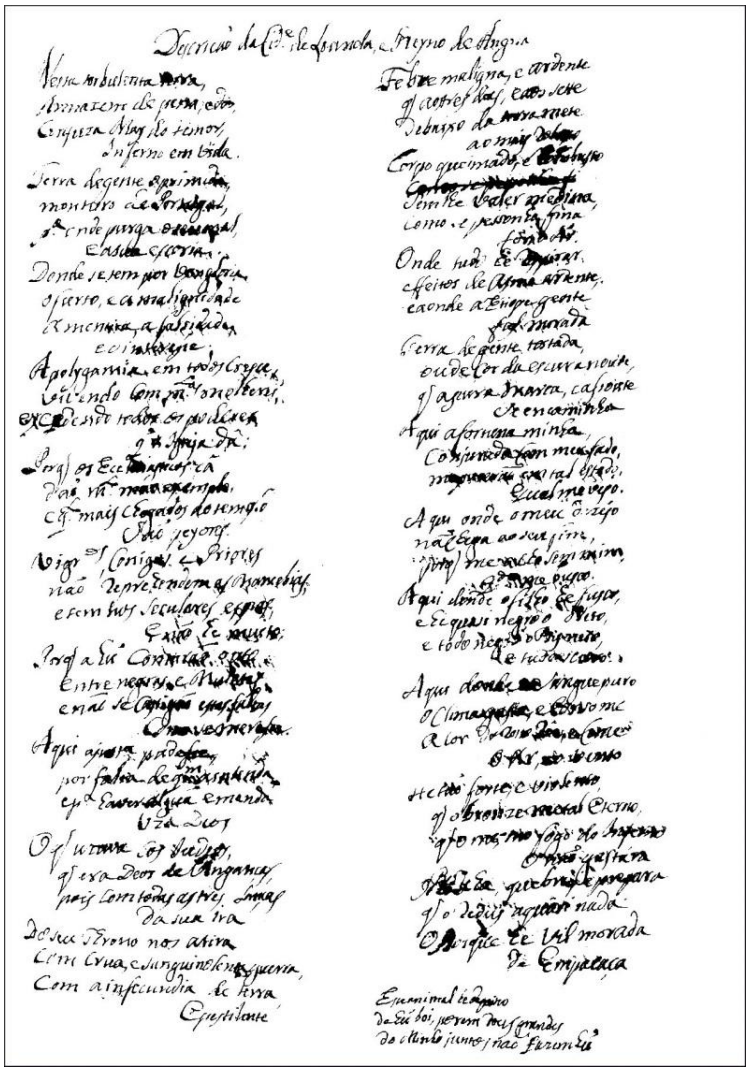
> a poligamia em todos cresce,
> vivendo com muitas mulheres,
> excedendo todos os poderes

que a Igreja dá;

porque os Eclesiásticos cá
dão muito mau exemplo,
e quanto mais chegados ao templo
são peiores.

Vigários, Cónigos e Priores
não repreendem as mancebias
e tem nos Seculares espias,
e não é muito;

porque a um contaram outo
entre negras e Mulatas,
e não se castigam estas faltas
como se merece.

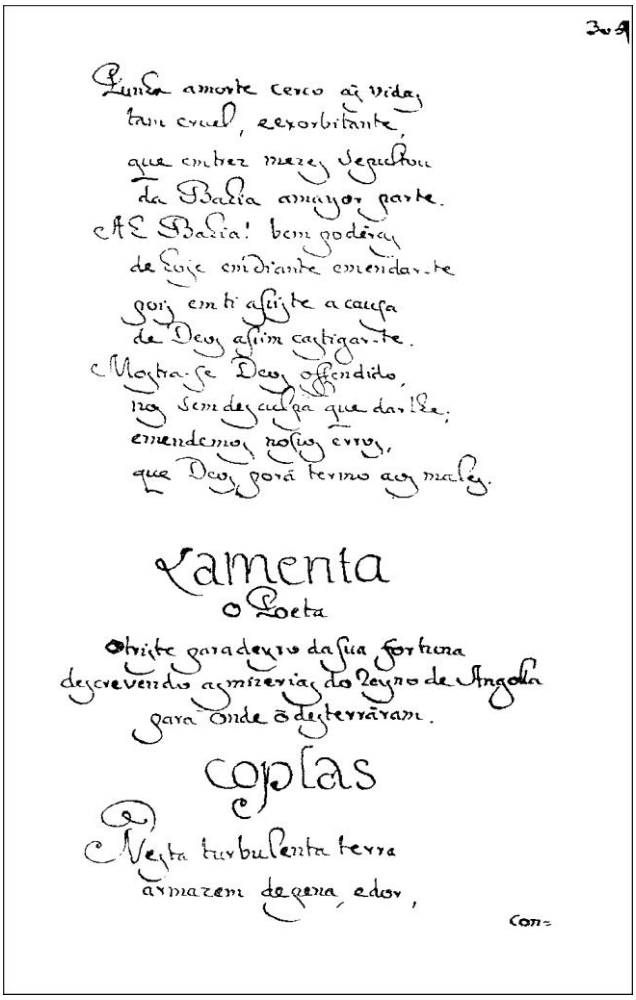


Biblioteca Nacional de Portugal, Códice 905, 1.ª página do poema

Denunciando o problema da poligamia e o comportamento dos clérigos, tais versos não destoam, à partida, do resto do poema. Basta contudo uma leitura um pouco mais atenta para se perceber os problemas de métrica (a maioria dos versos é hipermétrica, havendo

também um caso de hipometria), o que parece revelar uma tentativa – canhestra – de agravar a denúncia dos males da terra.

Feito este balanço sobre os resultados revelados pela colação dos testemunhos, resta concluir que a melhor solução para a edição do poema será a de usar **AC** como versão de base, anotando no aparato as variantes dos outros testemunhos. Em cinco casos – um número pequeno se atendermos aos 180 versos do poema –, esses testemunhos serão usados para emendar erros de **AC**, de um modo geral do tipo mecânico e sem grande significado. A legenda (o paratexto que antecede o poema e o introduz) será apresentada no aparato, tanto mais que se refere a Gregório de Matos que agora sabemos com toda a certeza não ser o seu autor. A proposta de edição virá no final deste trabalho e segue o modelo que usei em Topa, 1999b, p. 21 e ss.


Lamenta
o Poeta
coplas

Ms. Asensio-Cunha, v. II, p. 305

Antes de passar ao comentário do poema, convém fornecer uma breve explicação sobre a sua forma, classificada nos testemunhos *brasileiros* como coplas ou coplas de pé

quebrado. Não tem suscitado dúvidas a estrutura da quadra, cujos três primeiros versos são heptassilábicos, nem a identificação do esquema rimático: os v. 2 e 3 rimam entre si, enquanto que o último rima com o primeiro da copla seguinte. Na última estrofe – em que todos os versos são de redondilha maior – o esquema rimático é ABBA. O quarto verso das coplas é que tem representado um problema.

Heitor Gomes Teixeira escreveu que "(…) o número de sílabas do último verso de cada estrofe serve mais as necessidades da expressão da ideia do que obedece a regra imposta por métrica de uma qualquer 'arte poética' abstracta". (1979, p. 177). Observa ainda o mesmo comentador que "Estudadas todas as posições do verso final de três sílabas, em nenhuma hipótese é possível determinar e propor um sistema." (TEIXEIRA, 1979, p. 177). Alfredo Margarido, que comentou o poema no âmbito da obra de Gregório de Matos, também não percebeu esse verso, dando-o como de redondilha menor (1993, p. 446).

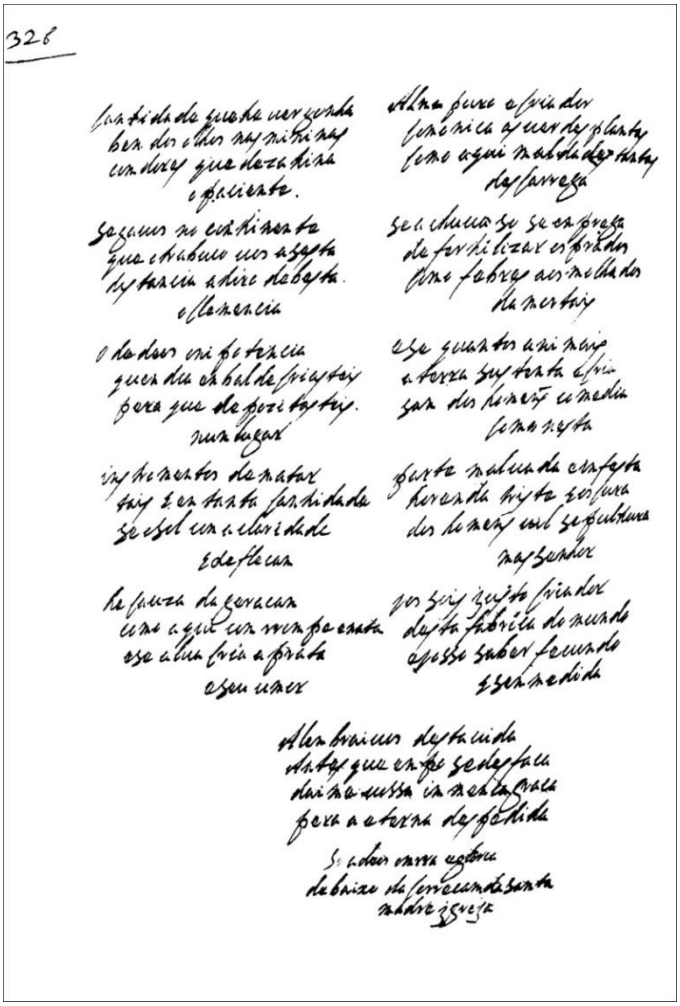
Apesar destes desacertos, o verso em causa não tem particularidades especiais: é o quebrado do verso de redondilha maior, apresentando-se habitualmente como trissílabo. Em certas circunstâncias, pode contudo assumir a forma de tetrassílabo, como explica Rogério Chociay:

> Com isso, o quebrado assumia configuração de *tetrassílabo*, que, no entanto, se desfazia, do ponto de vista métrico, pelo fato de a sua sílaba inicial ser contada como parte do verso anterior, seja por *sinalefa* entre a sílaba fraca final desse verso (e então o processo se denomina *sinafia*), seja por pura absorção, quando esse verso surge como agudo (e neste caso o procedimento se denomina *compensação*). (CHOCIAY, 1993, p. 45)

É isso precisamente o que acontece no poema de Luís Félix da Cruz: das 44 ocorrências desse quebrado, há 26 (59%) em que ele se apresenta como trissílabo (v. 16, 32, 36, 40, 44, 60, 64, 68, 72, 76, 80, 84, 88, 92, 96, 100, 104, 108, 116, 136, 144, 148, 160, 164, 168 e 172); há 12 (27,2%) em que, sendo ele tetrassílabo, se dá a sinafia (v. 12, 24, 28, 52, 56, 124, 128, 132, 140, 152, 156 e 176); e cinco (11,3%) em que, assumindo também a forma de tetrassílabo, se verifica o fenómeno da compensação (v. 4, 8, 48, 112 e 120). O único caso duvidoso é o do v. 20: *de sua ira*. Não sendo impossível a sua leitura como trissílabo, o mais natural é considerá-lo como um tetrassílabo. Acontece que a palavra final do verso anterior é *lanças*, o que impede tanto a sinalefa como a compensação.

Para terminar, farei um breve comentário sobre o poema, cujo sentido se apresenta a partir de agora – espero eu – mais percetível com a edição que proponho mais à frente. A ideia dominante, como observaram os poucos comentadores que a ele se referiram, é a visão

negativa de Angola (ou de Massangano, se atribuirmos crédito à legenda do manuscrito de Washington): sublinhando as diferenças que a separam da sua terra de origem, o sujeito dá conta do inferno em que a sua vida está transformada. Numa das passagens mais interessantes do poema, refere o efeito extremo dessa espécie de exílio determinado pela *fortuna* (v. 41) conjurada com o seu *fado* (v. 42): "e sempre me acho sem mim, / quando me busco" (v. 47-48). Numa leitura imediata, poderia dizer-se que o sujeito se declara como que alienado. Mas o dístico autoriza uma segunda leitura: a vivência na nova terra transforma o sujeito a um ponto em que ele deixa de reconhecer-se. Na verdade, como veremos, há uma mudança entre o início e o final do poema, passando o enunciador de uma mal contida revolta a uma espécie de aceitação.


326

Academia de Ciências de Lisboa, série Vermelha, Ms. 78, p. 326

A imagem negativa de Angola que domina o texto deve pois ser matizada dada a circunstância de ser apresentada como resultado de um castigo divino que pune os erros de uma metrópole que fez da colónia seu *munturo*, promovendo um espaço de valores invertidos

e «onde a justiça perece / por falta de quem a entenda» (v. 13-4). Além disso, a visão dos seus habitantes nativos não é tão desfavorável quanto pode parecer. Embora o enunciador fale em *gente asnaval e tostada* (v. 37), *da cor da escura noite* (v. 38) e faça um balanço desalentado da miscigenação biológica – «aqui onde o filho é fusco / e quasi negro é o neto, / negro de todo o bisneto / e tudo escuro» (v. 49-52) –, a verdade é que não deixa de sugerir uma espécie de identificação simbólica, marcada pelo açoite, com essa gente: se os outros são encaminhados "a pura marca e açoite" (v. 39), também o sujeito, procurando combater os mosquitos, passa as noites "(…) em contino açoite / e bofetadas soantes" (v. 101-2). A distância que vai de uma condição a outra é obviamente grande; mas o destino é comum, marcado que está pelo castigo divino.

Concluindo, talvez possamos dizer que ao filho não cabe escolher mas antes aceitar o pai que lhe coube. Poderia ser outro o texto fundador da literatura em Angola; mas, cabendo essa honra, no estado atual dos nossos conhecimentos, ao poema de Luís Félix da Cruz, resta-nos tentar compreendê-lo à luz do contexto em que foi produzido, corrigir as leituras erróneas que sobre ele foram sendo apresentadas e perceber por que não teve ele continuadores imediatos. Virá o dia em que aceitemos, angolanos e portugueses, que, a despeito do seu inevitável eurocentrismo, dificilmente as letras angolanas poderiam ter começado com mais elevado nível artístico.

REFERÊNCIAS

BOXER, Charles Ralph. *Uma relação inédita e contemporânea da batalha de Ambuíla em 1665*. Luanda: Museu de Angola, 1960.

CADORNEGA, António de Oliveira de. *História geral das guerras angolanas:* 1680. Revisto e anotado por Manuel Alves da Cunha. v. III. Lisboa: Agência-Geral das Colónias, 1942.

_____. *História geral das guerras angolanas:* 1680. Anotado e corrigido por José Matias Delgado. v. III. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1972.

CHOCIAY, Rogério. *Os metros do Boca:* teoria do verso em Gregório de Matos. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

CRUZ, Luís Félix. *Manifesto das ostillidades, que a gente, que serve a Companhia Occidental de Olanda obrou contra os Vassalos del Rei de Portugal neste Reyno de Angola, debaixo das treguas celebradas entre os Principes; & dos motivos que obrigaraõ ao General Saluador Correa de Sá, & Benavides a dezalojar estes soldados Olandezes delle, sendo mandado a esta costa por Sua Magestade a differente fim. Escrito por Luis Fellis Crus Secretario deste Reino, aſſiſtente nelle & preſente a todos os ſucceſſos que rocopila neste tratado. Dedicado a Senhora D. Catharina de Vellasco*. Lisboa: Offician Craesbeeckiana, 1651.

_____. *Manifesto das ostilidades...* por Luís Félix Cruz. Nova ed. conforme a de 1651. Publicada por Edgar Prestage. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919.

DIAS, Gastão Sousa. *A batalha de Ambuíla*. Lisboa: Editora Ática, 1942.

GUARINI, Gioban Battista. II pastor fido. In: *Il teatro italiano.* II. La tragedia del Cinquecento. A cura di Marco Ariani. Torino: Einaudi, 1977.

LUND, Christopher C.; KAHLER, Mary Ellis. *The Portuguese Manuscripts Collection of the Library of Congress:* a guide. Washington: Library of Congress, 1980.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente. Por Diogo Barbosa Machado Ulyssiponense Abbade Reservatario da Parochial Igreja de Santo Adrião de Sever, e Academico do Numero da Academia Real*. v. III. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1752.

MARGARIDO, Alfredo. Gregório de Matos em Angola. In: AAVV. – *Estudos universitários de língua e literatura: homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, p. 443-457.

MATOS, Gregório de. *Crônica do viver baiano seiscentista feita em verso pelo Doutor Gregório de Matos e Guerra.* Fielmente copiada de manuscritos anônimos daquele tempo, e disposta como melhor pareceu a um curioso de nome James Amado. 7 v. Salvador: Janaína, 1969.

Gregório de Matos: Obra Poética. Edição de James Amado. Preparação e notas de Emanuel Araújo. Rio de Janeiro: Record, 1990.

PERES, Fernando da Rocha. Gregório de Matos e Guerra em Angola. *Afro-Ásia,* Salvador. 6-7, jun./dez. 1968, p. 17-40.

SILVA, Inocêncio Francisco da; ARANHA, Brito. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. v. V. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.

SOARES, Francisco. *Notícia da literatura angolana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

TOPA, Francisco. *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos:* v. I, tomo 1: introdução; recensio (1.ª parte). Porto: Edição do Autor, 1999.

_____. *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos:* v. I, tomo 2: recensio (2.ª parte). Porto: Edição do Autor, 1999a.

_____. *Edição crítica da obra poética de Gregório de Matos* – v. II: edição dos sonetos. Porto: Edição do Autor, 1999b.

TEIXEIRA, Heitor Gomes. *Descrição de Luanda:* um poema do século XVII. Lisboa, 1979. Separata de Boletim da Sociedade de Geografia Lisboa, 1978, p. 169-184.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René. *História de Angola*. Lisboa: Tinta-da-China, 2011.

Testemunhos manuscritos: **AC**, II, p. 305-313 (Gregório de Matos) / **ACL** V 78, p. 323-326 (an.) / **BNRJ** 50.2.1A, p. 113-120 (Gregório de Matos) / **BNP** 905, s/p (an.) / **LC** P 168, p. 302-304 (Luís Félix Cruz)

Versão de **AC**

Nesta turbulenta terra[,]
armazém de pena e dor,
confusa mãe do temor,
inferno em vida;

terra de gente oprimida,
munturo de Portugal,
para onde purga seu mal
e sua escória;

onde se tem por vanglória
o furto, a malignidade,
a mentira, a falsidade
e o interesse;

onde a justiça perece
por falta de quem a entenda,
e onde para haver emenda
usa Deus

do que usava c'os Judeus,
quando era Deus de vinganças,
que com todas as três lanças
de sua ira

de seu trono nos atira
com peste e sanguínea guerra,
com infecúndias da terra,
e pestilente

febre maligna e ardente,
que aos três dias ou aos sete
debaxo da terra mete
o mais robusto

corpo queimado e combusto,
sem lhe valer medicina,
como se peçonha fina
fora o ar;

deste nosso respirar
efeitos da zona ardente,
onde a etiópica gente
faz morada;

gente asnaval e tostada
que da cor da escura noite
a pura marca e açoite
se encaminha;

aqui a fortuna minha
conjurada com meu fado
me trazem em tal estado
qual me vejo.

Aqui onde o meu desejo
debalde busca seu fim,
e sempre me acho sem mim,
quando me busco;

aqui onde o filho é fusco
e quasi negro é o neto,
negro de todo o bisneto
e tudo escuro;

aqui onde ao sangue puro
o clima gasta e consome,
o gesto rói e corcome
o ar, e o vento,

sendo tão forte e violento
que ao bronze[,] metal eterno
que o mesmo fogo do Inferno
não gastara,

o racha, quebra e prepara,
que o reduz a quasi nada;
os bosques são vil morada
de Empacaças[,]

animais de estranhas raças,
de Leões, Tigres e Abadas,
Elefantes às manadas,
e matreiros

lobos-cervais, carniceiros,
Javalis de agudas setas,
Monos, Bugios de tretas,
e nos rios

há maldições de assobios
de cocodrilos manhosos,
de cavalos espantosos
dos marinhos,

que fazem horrendos ninhos
nas mais ocultas paragens
das emaranhadas margens,
e se acaso

quereis encher de água um vaso,
chegando ao rio ignorante
logo nesse mesmo instante
vos sepulta

na tripagem mais oculta
um intrépido Lagarto,
vós inda vivo, ele farto;
pelo que

não ousais a pôr o pé
uma braça da corrente
que este tragador da gente
vos obriga

a fugir-lhe da barriga;
Deus me valha, Deus me acuda
e com sua santa ajuda
me reserve;

em terra não me conserve
onde a sussurros e a gritos
a multidão de mosquitos
toda a noite

me traga em contino açoite
e bofetadas soantes,
porque as veias abundantes
do vital

humor puro e cordial
não veja quasi rasgadas
a puras ferrotoadas;
e inda é mais:

se acaso vos inclinais
por fugir da ocasião
da vossa condenação
a Lavrador;

estando a semente em flor,
qual contra pintos minhotos,
um bando de gafanhotos,
imundícia,

ou qual bárbara milícia
em confusos esquadrões
marcham cem mil Legiões
(estranho caso!),

que deixam o campo raso,
sem raiz, talo, nem fruto,
sem que o Lavrador astuto
acudir possa;

antes metido na choça
se lastima e desconsola,
vendo o quão geral assola
esta má praga.

Há uma cobra que traga
de um só sorvo e de um bocado
um grandíssimo veado;
e se me ouvis,

há outra chamada Enfuís,
que se vos chegais a ela
vos lança uma esguichadela
de peçonha,

quantidade que se exponha
bem dos olhos na menina,
com dores que desatina
o paciente,

cega-vos em continente,
que o trabuco vos assesta
distante um tiro de besta;
(oh clemência

de Deus!) Oh omnipotência
que nada embalde criaste!
Para que depositaste
num lugar

instrumentos de matar
tais e em tanta quantidade?
E se o sol com claridade
e reflexão

é causa da geração,
como aqui corrompe e mata?
E se a lua cria a prata,
e seu humor

almo, puro e criador
comunica às verdes plantas,
como aqui maldades tantas
descarrega?

E se a chuva só se emprega
em fertilizar os prados,
como febres aos molhados
dá mortais?

E se quantos animais
a terra sustenta e cria
são dos homens comedia,
como nesta

terra maldita e infesta,
triste, horrorosa e escura,
são dos homens sepultura?
Mas, Senhor,

Vós sois sábio e criador
desta fábrica do mundo,
e é vosso saber profundo
e sem medida.

Lembrai-vos da minha vida
antes que em pó se desfaça,
ou dai-me da vossa graça
por eterna despedida.

Variantes

Legenda. Lamenta o Poeta o triste paradeiro da sua fortuna descrevendo as misérias do reino de Angola para onde o desterraram. / Coplas **AC** Descrição da Cidade de Luanda e Reino de Angola **BNP** Descreve o Autor o triste estado do Reino de Angola / Cópulas de pés quebrados. **BNRJ** Do Capitão-Mor Luís Félix Cruz em Angola contra o clima de Massangano **LC**

Falta em **ACL**, *que apresenta a particularidade de quase não ter pontuação*

3. Mãe do] mãe de **ACL** mas de **LC**
6. monturo] montura **BNP**
7. para] por **ACL**, seu] o seu **BNP**
8. e sua] e a sua **BNP**
9. onde] donde **BNP**
10-11. *Em* **ACL**, *está invertida a ordem destes versos.*
10. furto, a] roubo a **ACL** furto e a **BNP**
12. e o] o **ACL**

Post 12. **BNP** *apresenta as seguintes quatro estrofes, em que há uma série de problemas métricos:* a poligamia em todos cresce, / vivendo com muitas mulheres, / excedendo todos os poderes / que a Igreja dá; // porque os Eclesiásticos cá / dão muito mau exemplo, / e quanto mais chegados ao templo / são peiores. // Vigários, Cónigos e Priores / não repreendem as mancebias / e tem nos Seculares espias, / e não é muito; // porque a um contaram outo / entre negras e Mulatas, / e não se castigam estas faltas / como se merece.

13. Onde] Donde **ACL** Aqui **BNP** Aonde **LC**, perece] padece **BNP** parece **LC**
15. e onde para] donde para **ACL** e para **BNP** onde para **BNRJ** aonde para **LC**, emenda] algũa emenda **BNP**
17. do que] o que **BNP LC**, usava] usa **BNRJ**, c'os] com os **ACL LC**
18. quando] que **BNP**, vinganças] vingança **ACL**
19. que] pois **BNP**, com todas as três] mostrava com três **LC**
20. de] da **BNP** a **LC**
21. de] do **BNP**
22. peste e sanguínea] crua e sanguina **ACL** crua e sanguinolenta **BNP** crua e sangrenta **LC**
23. com infecúndias] com enfluência **ACL** com a infecúndia **BNP** na infecúndia **LC**
24. e pestilente] e pestilência **ACL** pestilente. **BNRJ LC**
26. ou aos] e aos **ACL BNP LC**
28. o mais] ao mais **BNP**
30. medicina] medina **BNP**
33. Deste nosso] Onde tudo é **BNP**
34. da zona] de asma **BNP**
35. onde a etiópica] donde esta Etiópia **ACL** e aonde a Etípoe **BNP** onde esta Etiópia **LC**
37. gente asnaval e] terra de gente **ACL BNP LC**
38. que da] ou da **ACL LC** ou de **BNP**
39. a] que a **ACL BNP LC**
42. meu] seu **AC**
43. trazem] trouxe a **ACL** puseram **BNP LC**
46. debalde busca] não chegou nunca a **ACL LC** não chega ao **BNP**
47. e sempre] porque **ACL BNP LC**
49. onde] donde **ACL BNP**
50-53. *Faltam estes versos em* **BNRJ**.
50. e quasi negro é] e quasi negro **ACL** e é quasi negro **BNP LC**
51. negro de todo] e todo negro **ACL BNP** e todo o Negro **LC**
52. e tudo] é tudo **LC**
53. onde ao] onde o **ACL LC** donde o **BNP**

55. a cor do rosto rói e come **BNP** o gesto rói e a cor come **LC**
57. sendo] é **ACL BNP LC**
58. ao bronze] o bronze **ACL BNP LC**
60. não] o não **ACL BNP LC**
62. que o] e o **LC**
63. Os bosques são] O bosque é **BNP**
64. de Empacaças] de Empacaça **BNP** da impacaça **LC**
Em **BNP** *há uma nota no final da página que esclarece:* Esse animal é feitio de um boi; porém dous grandes do Minho juntos não fazem um.
65. animais] animal **BNP LC**, estranhas raças] estranha raça **ACL BNP LC**
66. Tigres e] Tigres, **LC**
67. manadas] marradas **AC BNRJ**
68. e matreiros: **AC** e os Marteiros **LC**
69. cervais,] cervais **ACL LC** feitos **BNP** cervais e **BNRJ**, carniceiros] carneiros **BNRJ**
71. Monos,] monos **ACL** Monos e **BNP**
73. há maldições de] hay estrondos e **ACL** há estrondos e **BNP** os estrondos e **LC**
74. manhosos] nanossos **ACL**
77. horrendos ninhos] os horrendos ninhos **ACL** redemoinhos **BNP**
79. onde vivem esses salvagens, **BNP**
80. e se] se **LC**
82. chegando] chegais **ACL BNP LC**
Em **BNP***, a última palavra resulta de uma emenda: estava no plural, tendo depois sido riscado o* s *final.*
83. nesse] no **BNP**
86. um] o **ACL BNP LC**
Em **BNP**, *uma nota lateral esclarece:* chama-se Jacaré.
87. vós inda vivo,] que ainda vós vivo, **ACL** onde vós vivo e **BNP** que inda vós vivo, **LC**
89. ousais] usais **BNRJ**, o pé] um pé **BNP**
90. uma braça] duas braças **BNP LC**
94. valha,] valha e **ACL**
95. e com sua santa] com sua graciosa **ACL LC** com a sua graciosa **BNP** e com a sua santa **BNRJ**
96. me] e me **ACL BNP LC**
97. em terra não] a terra onde **ACL LC** para terra donde **BNP**
98. onde a sussurros e a] sem os sussurros e **ACL BNP** onde a sussurros e **BNRJ** sem que os sessurros nem **LC**
99. a multidão de] da multidão de **ACL** da multidão dos **BNP LC**
100. toda a] toda **ACL** toda o **BNP** todas as **LC**, noute] noutes **LC**
101. me traga em contino] me obriga a encher de **ACL** me obriguem a encher de **BNP** me obriguem dar-me de açoutes **LC**
102. ou de palmadas soantes **ACL LC** e de bofetadas tantas **BNP**
103. porque] e que **ACL** que **BNP**
105. puro] quente **ACL BNP LC**
106. não veja] veja **ACL** vejo **BNP** via **LC**, rasgadas] despegadas **ACL LC** despejadas **BNP**
108. e inda é] e ainda hay **ACL** e ainda **BNP** pois inda é **LC**
109. se acaso] se é que **ACL BNP** sabe que **LC**
111. da] de **ACL** e da **BNP**
112. a] o **BNP LC**
113. estando a] depois da **BNP LC**
114. qual] quais **LC**, pintos] pinta **LC**
115. um bando] vem bandos **ACL** há bandos **BNP** e a bandos **LC**
116. e mais imundícia **BNP**
117. ou qual] que qual **ACL LC** a qual **BNP**, milícia] malícia **LC**
119. cem mil] confusas **AC BNRJ**
121. o campo] a campo **BNP**
122. nem] ou **BNP**
123. sem] e sem **BNP**
124. acudir] valer lhe **AC BNRJ**
126. se lastima] lastimado **ACL LC**, e desconsola] se consola **ACL LC** e consola **BNP**
127. vendo o quão geral] ver que geralmente **ACL BNP** de ver o como **LC**
128. má praga] praga **BNP**
129. traga] estraga **BNRJ**
130-131. *Em* **BNP***, é inversa a ordem destes versos.*
130. só sorvo e de um] sorvo ou **BNP** sorvo ou de um **LC**
133. há outra] outra há **LC**, chamada Enfuís] que chamam enxuís **ACL** que chamam suís **BNP** que chamam ensuís **LC**
135. esguichadela] cuspidela **ACL BNP LC**
137. que se exponha] que é vergonha **ACL LC** tão medonha **BNP**
138. bem] e bem **BNP**, na menina] nas mininas **ACL**
140-143. *Faltam estes versos em* **LC**.
141. Cega-vos] E cegou-vos **BNP LC**, em] no **ACL**
142. que o trabuco] se acaso **BNP LC**

143. distante] distância **ACL**, um tiro] a tiro **ACL BNP LC**
144. sem clemência. **LC**
145. Oh de Deus omnipotência **ACL LC** Ó Deus de omnipotência **BNP**
146. nada] dia **ACL**, criaste] criasteis **ACL** criastes **LC**
147. depositaste] depositasteis **ACL** depositastes **LC**
148. num] em um **BNP LC**
151. E se] Se **ACL LC** Pois se **BNP**, com] com a **ACL LC**
157. almo, puro] almo puro **ACL** alvo, puro **BNP** alma pura **BNRJ** alvo puro **LC**
161. E se] Se **ACL BNP**
162. em] de **ACL**
163. febres aos] dá febres nos **BNP**
164. dá] e nos **BNP**
166. a terra] o campo **BNP LC**
169. terra maldita] terra maldida **AC** parte malvada **ACL BNP LC**, e infesta] infesta **LC**
170. triste, horrorosa] horrenda triste **ACL** estranha, horrenda **BNP LC**, e escura] escura **LC**
171. são dos] dos **ACL LC**, sepultura] vil sepultura **ACL BNP LC**
173. sábio e criador] justo criador **ACL LC** sábio criador **BNRJ** justo fazedor **BNP**
174. fábrica] máquina **LC**
175. e vosso saber fecundo **ACL** vosso saber é fecundo **BNP** o vosso saber profundo **LC**
176. e sem] é sem **LC**
177. lembrai-vos da minha] alembrai-vos desta **ACL LC**
178. antes] e antes **LC**, se] me **BNRJ**
179. dai-me a vossa imensa graça **ACL BNP** dai-me, Senhor, vossa graça **LC**
180. por] para a **ACL LC**
Post 180. *Em* **ACL**, *vem a seguinte inscrição, que é a fórmula com que Cadornega encerra os tomos da sua obra:* Só a deus honra e glória debaixo da correção da santa madre igreja. **BNRJ** *apresenta esta expressão:* Amen JESUS.

Notas
23. infecúndia – infertilidade. A palavra não está registada nos dicionários (nem nos antigos, nem nos contemporâneos).
24. pestilente – o mesmo que *pestilento*.
25-30. Referência à malária.
29. combusto – comburido, abrasado.
37. asnaval – provável variante de *asnal*.
39. marca – possivelmente no sentido de ferrete.
64. Empacaça – o mesmo que pacaça, mamífero ruminante, bovídeo bufalino, africano, frequente em Angola.
66. Tigres – como é sabido, não há tigres em África. É possível que o termo seja usado num sentido mais genérico para designar outro tipo de felídeos.
Abada – espécie de rinoceronte.
69. lobo-cerval – o autor refere-se certamente ao serval (*Felis serval*), felino selvagem africano, de médio porte, encontrado geralmente em áreas de savana.
70. Referência ao javali-africano ou facóquero (*Phacocœrus æthiopicus*), porco selvagem com dois pares de excrescências na pele, localizadas ao lado e em frente aos olhos, e grandes presas voltadas para cima.
75-76. cavalos-marinhos – o mesmo que hipopótamos (*Hipopotamus amphibius*).
85. tripagem – as tripas.
86. Lagarto – a nota de **BNP** não está correta, dado que não há jacarés em África. É possível que o autor se refira a alguma variedade de crocodilos.
105. humor quente e cordial – o sangue.
114. minhoto – milhano ou milhafre, no sentido de ladrão.
129-131. Alusão à também chamada cobra-de-veado ou jiboia (*Boa constrictor*).
133-136. Referência à cobra cuspideira (*Naja nigricollis*), uma das mais perigosas de África. Costuma apontar à face da vítima, lançando jatos de veneno que causam fortes dores e podem causar cegueira.
141. em continente – o mesmo que *in continente*, imediatamente.
155. Provavelmente por causa da sua cor, a prata surge tradicionalmente associada à lua e a Diana.
167. comedia – alimento, comedoria.

Justificação de emendas
42. Trata-se claramente de um lapso de **AC**, que decidi pois emendar, acolhendo a versão dos restantes testemunhos.
67. Não sendo impossível a lição de **AC** (e **BNRJ**), creio que resulta de uma gralha, pelo que efetuei a emenda, acolhendo a solução dos outros testemunhos.
119. Embora a lição de **AC** (e **BNRJ**) seja possível, creio que resulta de uma gralha estimulada pela forma do verso precedente, pelo que efetuei a emenda, acolhendo a solução dos outros testemunhos.
124. A lição de **AC** (e **BNRJ**) torna o verso hipermétrico, na medida em que não permite a sinafia. Optei assim pela versão dos restantes testemunhos.
169. Trata-se de uma gralha evidente de **AC**, que corrigi com base em **BNRJ**.

Arte poética

Trata-se de um poema em coplas de pé quebrado, constituído pois por quadras cujos três primeiros versos são heptassilábicos, ao passo que o é um quebrado. Na última estrofe, todos os versos são de redondilha maior. Quanto à rima, os v. 2 e 3 rimam entre si, enquanto que o último rima com o primeiro da copla seguinte. Na última estrofe, o esquema rimático é ABBA.